

Crianças morrem em hospital de Corumbá

Falta de medicamentos levou à morte, em seis dias, nove pacientes da Santa Casa, entre 2 e 6 anos

Germano Oliveira

• SÃO PAULO. A falta de antibióticos levou à morte, nos últimos seis dias, de nove crianças de 2 a 6 anos internadas na Santa Casa de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. O hospital, administrado pela Sociedade Beneficente Corumbaense, não dispõe de remédios para o tratamento dos pacientes, que são obrigados a adquiri-los nas farmácias. Os que não têm recursos ficam sem tratamento e morrem.

O Conselho Regional de Medicina (CRM) vistoriou o hospital ontem e verificou que ele está falido, sem dinheiro para pagar di-

vidas superiores a R\$ 900 mil, e que deveria ser fechado. Mas, se a medida fosse tomada, 150 mil pessoas, incluindo 30 mil moradores da Bolívia, ficariam sem atendimento, já que é o único da região. Por isso, a comunidade está se mobilizando para não deixar o hospital fechar e evitar que mais crianças morram (ainda há 26 internadas).

— O SUS destina apenas R\$ 51 mil mensais para o hospital, mas só a folha de pagamento dos 288 funcionários, entre eles 60 médicos, é de R\$ 80 mil — constatou Luciano Barros, delegado do CRM em Corumbá. — A Ceme só envia medicamentos básicos, co-

mo aspirina. Como o hospital deve R\$ 900 mil, ninguém lhe vende mais remédios a prazo. Sem dinheiro, não tem como comprar remédios.

Segundo Barros, as nove crianças morreram porque estavam com infecções graves, como pneumonia e septicemia, necessitando de antibióticos como Rosefim, Tianan e Cloforan, mas seus pais não tinham dinheiro para comprar os medicamentos.

— Cada ampola de um desses antibióticos custa mais de R\$ 50,00 e muita gente não tem. As crianças morreram sem esses remédios, o que é um absurdo num país que tem dinheiro para dar

aos bancos, mas não tem para enviar antibióticos para um hospital do interior — protestou.

Das 150 pessoas atendidas diariamente, 65 são crianças até 8 anos. Metade das 800 internações mensais também é de crianças.

As mortes foram denunciadas pelo diretor clínico Ulisses Medeiros, que tornou pública a crise para forçar as autoridades a tomar providências. O Lions, a Prefeitura e o Governo se mobilizaram e conseguiram remédios para o hospital. O prefeito Ricardo Chimirri Kandia foi a Campo Grande pedir socorro ao secretário de Saúde do estado, Nelson Barbosa Tavares.

— Embora seja um grave problema de saúde pública, não temos como enviar antibióticos para Corumbá — disse o secretário. — Os antibióticos teriam que ser pagos pelo SUS ou pelo hospital.

O promotor da Infância e da Juventude de Corumbá, Alexandre Lima Raslan, abriu sindicância para apurar responsabilidades.

— Precisamos ver quem foi omissão nessa história. O hospital já sabia que a falta de antibióticos poderia levar à morte muitas crianças, mas nada fez. O próprio CRM já havia vistoriado o hospital em agosto, também por falta de medicamentos, e não tomou providência — disse. ■